

VIRGÍLIO MARTINHO

(Lisboa, 18/09/1928 – Almada, 04/12/1994)

Romancista e tradutor, Virgílio Martinho dedica-se à literatura desde bastante jovem, mas uma ocasional ida ao teatro, em Campolide, mudar-lhe-á o destino (Benite 1994: 7).

O autor passa a infância em Setúbal, em Grândola e no Barreiro, acompanhando o trajecto profissional do pai, ferroviário. Volta mais tarde a Lisboa, onde faz os estudos liceais e termina um curso industrial que lhe permite exercer o ofício de desenhador técnico. Desenvolve desde cedo uma aguda consciência política que o incita a combater o regime de Salazar. Pertence ao MUD Juvenil e é detido pela sua actividade política, cumprindo a pena de um ano na prisão do Aljube. Tinha 21 anos.

Em finais da década de cinquenta frequenta o Café Gelo, no Rossio, e o Royal, no Cais do Sodré, onde convive com os escritores que configuram os caminhos poéticos do surrealismo-abjeccionismo. Numa primeira fase de formação literária, recebe a influência da escrita insubmissa da chamada «segunda geração do surrealismo português» e será Mário Cesariny, o principal impulsionador do movimento, a editar o seu primeiro texto, *Festa pública*, numa colectânea de vários autores intitulada *A antologia em 1958* (1958). Neste período, o escritor prefacia *Crítica de circunstância* (1966), de Luiz Pacheco, e organiza com Ernesto Sampaio a *Antologia de humor português* (1969). Ao recordar o poeta e amigo António José Fortes, Virgílio Martinho traça a memórias desses tempos: «Éramos militantes de uma vida que sonhávamos diferente, vendo a poesia como fonte radiante de todo o nosso viver jovem. Mudar a vida, transformar o mundo. Rimbaud e Marx: a aposta dourada» (Martinho 2013: 187).

O percurso literário do narrador que assinou o livro de contos *Orlando em tríplico e aventuras* (1961) e o romance *O grande cidadão* (1963) altera-se quando descobre no teatro um espaço privilegiado de intervenção política e social que não mais abandonará.

Será Joaquim Joaquim Benite, fundador do Grupo de Campolide, sediado no espaço do Campolide Atlético Clube, a chamá-lo para o teatro, convidando-o a adaptar *A vida do grande Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, de António José de Silva. A peça sobe pela primeira vez à cena em 1972, mas «o Grupo teve de passar para a sala da Sociedade de Belas-Artes para acolher toda a gente que queria ver a peça. Tinha nascido – coisa tão rara – um novo dramaturgo português» (Benite 1994: 8). O espectáculo será levado em digressão pelo país, chegando às sessenta representações. «Esta é a essência do teatro», dirá o dramaturgo, «[d]á-lo a ver [é] o seu fim. Divertir e ensinar. Ensinar e motivar. Teatro popular é a opção em jogo» (Cruz *apud* Martinho 1973: 196).

A partir desse ano, Virgílio Martinho torna-se o dramaturgo residente daquele colectivo teatral, desempenhando as actividades de autor, dramaturgista e adaptador durante mais de vinte anos, acabando por seguir o mesmo percurso. Em 1978 o Grupo de Campolide irá transitar para o teatro da Academia Almadense passando a designar-se Companhia de Teatro de Almada (CTA).

A primeira peça original, a sátira *Filópulos* – «publicad[a] em 1970 na revista *Grifo* e que Virgílio Martinho tinha escrito dez anos antes, motivado pelas suas leituras de *Ubu Roi* de Jarry» (Benite 1994: 7) –, estreia em 1973, com encenação de Joaquim Benite, sendo descrita por Carlos Porto como «[u]ma tragédia grega virada ao contrário; a caricatura duma tragédia de Shakespeare; uma sátira política; uma crítica de “maus costumes”, um “vaudeville” infernal» (Porto *apud* Martinho 1973: contracapa). Pelo seu lado, Urbano Tavares Rodrigues louva o dramaturgo, e o espectáculo em que denuncia os falsos democratas, destacando «o talento, a ironia cáustica e às vezes chocarreira, o gosto da farsa trágica, o lirismo descabelado e romântico, o pendor epopeico e a asa do surrealismo e sobretudo, uma lucidez amarga e desesperada [...]» (Rodrigues 1995: 64). Mais recentemente, Selda Soares vislumbra na peça a «experiência recolhida no grupo de Cesariny», tendência com manifestação irregular na produção dramática completa (Soares 2002: 29).

Em 1974, Virgílio Martinho traduz *Fulgor e morte de Joaquim Murieta*, de Pablo Neruda, e nos anos posteriores à Revolução de Abril intensifica o seu empenhamento na escrita. Estende a colaboração a outros grupos, quer com textos originais (*Os três padrões bons*, integrado no espectáculo *Aqui é que a porca torce o rabo*, da Seiva Trupe, 1975; *O herói chegado da guerra*, incluído no espectáculo *Notícias do poder*, do Grupo Teatro Proposta, 1976), quer com adaptações (*A cidade dourada ou nem tudo o que luz é ouro*, do Teatro de la Candelaria, para A Barraca, 1976). Nesta última também adapta o seu romance homónimo *O grande cidadão* para o Grupo de Campolide, reforçando os seus avisos contra o fascismo «através da discussão do texto, da localização das personagens no nosso contexto histórico, do momento político que atravessamos, processando-se mais uma vez um trabalho colectivo, um trabalho intensivo de grupo que começa pela escrita e acaba no espectáculo apresentado» (Martinho 1976: 161).

Em 1977 o Grupo de Campolide profissionaliza-se e leva à cena *1383*, adaptação da crónica de D. João I, de Fernão Lopes, no Teatro da Trindade. A peça evoca os acontecimentos de 1383-1385, considerados como uma primeira revolução burguesa, recriando o passado para estimular a reflexão sobre o presente, conforme os propósitos do teatro de Brecht.

Uma breve incursão no cinema tem como resultado a escrita dos diálogos para a curta de metragem de Sérgio Ferreira *O prisioneiro* (1977). Contudo, é nos dois textos acabados de referir – a alegoria *O grande cidadão* e o fresco histórico *1383* –, que Luiz Francisco Rebello identifica as duas linhas mestras da obra de Virgílio Martinho: «a invenção poética e o empenhamento cívico, ambos impregnados de um feroz amor à liberdade aprendido na lição estética do surrealismo e na militância anti-fascista» (Rebello 1995: 23).

Já na Academia Almadense, Joaquim Benite encena uma nova adaptação de Martinho, *As aventuras de Till Eulenspiegel* (1978), a partir de *Légende de Ulenspiegel et de Lamme Goedzack au pays de Flandres et ailleurs* (1868) de Charles de Coster. Carlos Porto, sempre atento à qualidade literária das peças, verá nela «uma obra enorme, um modelo de romance popular de que VM escreveu uma síntese magistral [...]» (Porto 1995: 32). Já a adaptação de *O navio dentro da cidade* (1979), de André Kedros, mantém-se inédita (Anon. 1995: 75).

No início da década de oitenta, o autor continua a dedicar-se à dramaturgia, mas agora a escrita teatral é veiculada pela edição, saindo do prelo *A sagrada família* (1980)

e *O herói chegado da guerra e outros textos em teatro* (1981), que contém sete peças. O próprio autor reparte aquelas que atribui à imaginação (*António José da Silva, O herói chegado da guerra e Os vampiros*), daquelas baseadas em entrevistas, crónicas de jornais, comunicados ou conversas (*Catarina, Morte em terras de Montemor, Mulher, aqui estou como um cão perdido e Um povo amigo de lutar*). Nesse teatro, que se pretende «de intervenção e denúncia», o dramaturgo dá voz às acusações e experiências de outros: «[...]os trabalhadores do meu tempo, operários, camponeses, emigrantes, em luta pela vida, pela transformação do mundo, pelo futuro» (Martinho 1981: contracapa).

Em 1982 é redigida *Pão de mel, Lda*, mas embora a peça entre em ensaios não chega a ser apresentada (Anon. 1995: 75-76). No ano seguinte Joaquim Benite recebe uma nova versão de *1383* e outra destinada à infância, *1383zinho*, que integram as comemorações do 6º centenário do início da Revolução de 1383. No mesmo ano, *Fernão, sim ou não?* circula pelas escolas primárias do concelho de Almada, e *Abite, abite aqui dos de abite* é representada pelo Grupo Cénico da Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d' Aguiar.

Ao longo dos anos oitenta e até à sua morte, a colaboração de Virgílio Martinho com a Companhia de Teatro de Almada mantém-se regular, inclusive escrevendo textos para os programas de espectáculo. Prossegue, também, a prática da adaptação e reescrita, na qual Luiz Francisco Rebello detecta «um dos mais inteligentes exercícios de transcrição teatral de obras não concebidas para o palco em toda a nossa literatura dramática» (Rebello 1995: 23). Com Joaquim Benite, Virgílio Martinho adapta *Hughie/Antes do pequeno-almoço* (1984), a partir de textos de Eugene O'Neill, e participa na construção dramática de *Réus e juízes* (1985), a partir de textos de Gil Vicente e António José da Silva, encenados por José Martins. Depois de duas peças originais para a juventude – *De pequenino é que se torce o pepino* (Grupo de Intervenção Cultural, 1988), e *Valentim e Valentina* (CTA, 1989) –, seguirá *Amor a quanto obrigas* (CTA, 1990), de inspiração vicentina, encenada por Vítor Gonçalves. Em 1991 cria *O gelo à mesa* (postumamente apresentada por Miguel Moreira em 2001) e em 1992, vinte anos depois da estreia absoluta e pela mão do mesmo encenador, *A vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança* constitui o 52º espectáculo da CTA.

Joaquim Benite encontra palavras justas para resumir a produção dramática do escritor: «As personagens assumem-se como entidades poéticas que visam a realidade mas não pretendem constituir retratos realistas. É quase um teatro de títeres, de bonecos, de personagens simbólicas, que exprimem sempre a confrontação essencial entre o indivíduo e a intuição. São peças críticas, em que o humor mais violento e a sátira impiedosa se misturam com o lirismo e com o fraternal reconhecimento de uma humanidade excluída» (Benite 1994: 8).

Debruçando-se sobre o invulgar estatuto de dramaturgo-residente ocupado nesta época por Virgílio Martinho, Selda Soares aponta para o intenso diálogo entre o labor da escrita e o trabalho teatral, cujas consequências são «textos feitos na cena», nos quais «[se confundem] as fases dos processos de escrita. Os seus [estes] textos resultam de uma experiência na, e com, a cena, resultam da voz dos actores, da mão do encenador, de um saber feito de estrado e luz, de corpos e vozes, que nenhum outro

escritor em Portugal tem podido experimentar de forma tão continuada e profícua» (Soares 2001: 35).

O n.º 10 da revista *Cadernos* (1995) é inteiramente dedicado ao autor, e em 2006, ao receber a Medalha de Ouro da cidade de Almada, Joaquim Benite lembra o companheiro, como um dos seus esteios e um dos mais importantes inspiradores do seu trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANON. (1995). «Virgílio Martinho: Biobibliografia» in *Cadernos* n.º 10. CTA. Setembro, p. 23.
- BENITE, Joaquim (1994). «Virgílio Martinho» in *Cadernos* n.º 8. CTA. Dezembro, pp. 7-8.
- CRUZ, Carlos Benigno da (1973). «Entrevista com Virgílio Martinho» in Virgílio Martinho. *Filopópolis*. Lisboa: Plátano Editora.
- MARTINHO, Virgílio (1976). *O grande cidadão*. Lisboa: Plátano Editora.
- ___ (1981). *O herói chegado da guerra e outros textos de teatro*. Lisboa: Editorial Caminho.
- ___ (2013). «O Café Gelo – retratos» in *A Ideia, revista de cultura libertária*, n.ºs 71-72. II série, vol. 16. Outono, pp. 187-188. Consultado em <<https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2013/12/a-ideia-71-72.pdf>> (data de acesso: 29 de Setembro de 2017).
- PORTO, Carlos (1995). «Virgílio Martinho, autor de teatro» in *Cadernos* n.º 10. CTA. Setembro, pp. 31-33.
- REBELLO, Luiz Francisco (1995). «Invenção poética e empenhamento cívico» in *Cadernos* n.º 10. CTA. Setembro, p. 23.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (1995). «“Filopópolos”, de Virgílio Martinho. Um êxito do Atlético de Campolide» in *Cadernos* n.º 10. CTA Setembro, pp. 31-33.
- SOARES, Selda (2001). «O teatro feito palavra, corpo e luz» in *Cadernos* n.º 17. CTA. Julho, pp. 35-42.
- ___ (2002). *Imagens de cena: Agenciar os territórios do espectáculo 1383*. Dissertação de mestrado em Estudos de Teatro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SITIOGRAFIA

- <<http://www.ctalmada.pt/historial.html>> (data de acesso: 29 de Setembro de 2017).
- <www.m-almada.pt> (data de acesso: 29 de Setembro de 2017).

Rita Martins

Sebastiana Fadda